



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

da Silva, Jonas Jorge

Para além das paredes: a construção da Catedral de Maringá

Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 32, núm. 2, 2010, pp. 173-182

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325336007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Para além das paredes: a construção da Catedral de Maringá

Jonas Jorge da Silva

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: jonasjorge13@hotmail.com

RESUMO. Este artigo propõe uma análise sociológica acerca da história e construção da Catedral de Maringá. Ela é um símbolo do poder da Igreja Católica, mas, sua construção não está dissociada das estratégias políticas e dos interesses locais. Este texto pretende analisar a Catedral de Maringá em três aspectos fundamentais: na combinação entre valores e ideário institucional católico com a modernidade, visível na própria arquitetura; na relevância do projeto de construção para os interesses locais; e no seu papel para trajetória de Dom Jaime Luiz Coelho, o principal articulador da obra. A análise de documentos e eventos, relacionados à construção do prédio, revelam uma série de relações e articulações que contribuem para a compreensão do significado da Catedral, não só para a Igreja, como também, para a cidade de Maringá.

Palavras-chave: catedral, construção, local, performance.

ABSTRACT. Beyond the walls: the construction of the Maringá Cathedral. This article proposes a sociological analysis of the history and construction of the Maringá Cathedral. It is a symbol of the power of the Catholic Church, but its construction is not unrelated to political strategies and local interests. This paper intends to analyze the cathedral in three aspects: the combination of Catholic values and institutional ideals and modernity, visible in the architecture itself; the relevance of the construction project for local interests; and its role in the trajectory of Dom Jaime Luiz Coelho, the main articulator of the work. The analysis of documents and events related to the construction of the building shows a series of relationships and discussions that contribute to the understanding of the meaning of the cathedral, not only for the Church, but also for the city of Maringá.

Key words: cathedral, construction, local, performance.

Introdução

Construída em área central de Maringá, próxima dos centros dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, encontra-se a Catedral, expressão visível da presença institucional da Igreja Católica entre as forças políticas e religiosas da cidade. A construção desta obra arquitetônica, provavelmente, seja um dos empreendimentos que mais deu visibilidade ao Arcebispo emérito, Dom Jaime Luiz Coelho. Ao cunhar no coração de Maringá esta grandiosa construção, o líder religioso estabeleceu marcas que em muito transcendem o aspecto privativo de sua instituição religiosa.

A Catedral, que recebeu o título de Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, em 1982, é um santuário onde se pode expressar a fé e a devoção, mas, também, é uma construção cuja imagem está associada à quase totalidade de fotos ou souvenirs da cidade, servindo de marketing para o município, atraindo turistas e colaborando com o comércio local. O desenho arquitetônico moderno, concebido para uma cidade que se pretende moderna, pertence a um prédio que aglutina em torno de si uma

diversidade de forças sociais: religiosa, política e econômica. Daí, a importância atribuída à Catedral para a cidade de Maringá.

A construção de templos pela Igreja católica é algo recorrente no Brasil, mas, evidentemente, a edificação de uma obra de tal envergadura, como é o caso desta Catedral, destaca-se pela grandeza da obra e pelos seus traços contemporâneos. O prédio, desenhado pelo arquiteto José Augusto Bellucci, em forma cônica, com uma altura de 114 m, somado à sua cruz, chega aos 124 m. Além de uma estética em concreto, possui vitrais produzidos pelo artista plástico Lonrez Helmar, que se configuram num jogo de cores abstratas. A praça em que está situada realça a sua beleza, contando com jardins e espelhos d'água.

Com estas características, a Catedral leva-nos a perscrutarmos o encontro entre os ideais de fé católica romanizada, representado na Instituição Eclesial, e a abertura para a modernidade. Partindo-se da hipótese de que a América Latina pode ser entendida a partir “[...] dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (CANCLINI, 1998, p. 18), pretende-se,

nesta perspectiva, examinar o processo de construção da Catedral de Maringá. Ela conjugou determinadas práticas institucionais da Igreja católica com as estratégias de crescimento de uma cidade, pautado nas noções de progresso e desenvolvimento, na cultura que se impõe sobre a natureza, na cidade que cresce em meio à mata¹.

Além disto, a efetivação do projeto arquitetônico da Catedral veio reforçar a construção de uma identidade localista para a cidade, pois, colabora diretamente na constituição do patrimônio histórico e cultural do município. Porém, aqui, partimos do pressuposto de que não há como desconsiderar que: “Quaisquer que sejam as justificações históricas, naturais ou culturais utilizadas, todas essas configurações locais são construídas por atores que as constituem em ‘contextos de ação’” (BOURDIN, 2001, p. 13). É neste circuito que se manifestam acordos e reciprocidades destes agentes locais, pois, de fato, é ilusório deixar de reconhecer os interesses e os jogos políticos presentes na execução deste projeto.

A construção da Catedral durou mais de uma década, e se consideramos também os seus acabamentos finais, foram, na verdade, duas décadas. Dom Jaime Luiz Coelho, o primeiro Bispo de Maringá, chegou à cidade em 1957 e já em 1958 tinha em mãos o projeto arquitetônico da obra, que recebeu seu último vitral somente em dezembro de 1979. Na medida em que as paredes da Catedral eram levantadas, por meio dos eventos² e rituais, ela adquiria novos significados na sua estrutura simbólica.

Este processo de inserção simbólica na redoma sensorial ordinária³ da sociedade maringaense passou, primeiramente, por uma ação performática. Ao excitar os sentidos do grande público com a elevação da Catedral, produzia-se, também, a sua construção social. É neste sentido que podemos entender os acontecimentos que vão desde a cerimônia de lançamento da sua pedra fundamental, trazida especialmente de Roma, até a criação da Arquidiocese, em 1980. A performance, neste processo, foi fundamental para a constituição de um universo sensorial que expandiu e dimensionou o significado da Catedral, na sua importância interna para a Igreja e nas relações com a cidade:

¹Recentemente houve a publicação de um livro comemorativo dos 50 anos da Diocese de Maringá em que se enfatiza no título: “A Igreja que brotou da mata” (ROBLES, 2007) e na arte da capa está a imponente catedral que surge por sobre as árvores.

²A construção da catedral pode ser entendida como um evento no sentido de que estes “[...] mudam os atores envolvidos: não é possível falar de um mesmo conjunto de atores antes e depois dos eventos – todos se transformam na temporalidade que vai do antes ao depois” (PEIRANO, 2000b, p. 4).

³Podemos caracterizar a redoma sensorial ordinária como “[...] uma espécie de dispositivo automático, precisamente por isso não damos normalmente atenção aos nossos sentidos, ou seja, não percebemos que, de fato, vivemos dentro de redomas” (VEIGA, 2008, p. 74).

[...] do ponto de vista das redomas sensoriais: o ritual, a arte, a *performance* e o risco acontecerão sempre que uma sociedade produzir para si mesma eventos sensoriais que extrapolem os limites de seus sentidos ordinários (VEIGA, 2008, p. 82).

Assim, podemos dizer que a *performance* de Dom Jaime, por exemplo, foi capaz de chamar a atenção, mobilizar e produzir ações extraordinárias na sociedade. Aliado à magnitude da Catedral, também, a cobertura dada pela imprensa, os valores religiosos em questão e os interesses políticos, contribuíram para esta construção material e simbólica da Catedral.

A seguir, serão discutidos os três aspectos propostos nesta introdução: os processos socioculturais que tornaram a Catedral um ícone que une os valores e fé católica com a modernidade; os arranjos políticos locais, mediados pela liderança de Dom Jaime e, por fim, a maneira como os eventos e rituais, realizados durante a construção da Catedral, proporcionaram a passagem performática do extraordinário⁴ na execução da obra para um assentamento na redoma sensorial ordinária da população.

A argamassa: fé católica e modernidade

A modernidade não pode ser vista de maneira essencialista, é mais plausível que a vejamos como um processo carregado de historicidade e variabilidades (DOMINGUES, 1998). É por esta razão que ouvimos falar em modernização conservadora, incompleta ou radical. A relação entre modernidade e tradição constitui-se, na verdade, numa articulação complexa mediada por múltiplas lógicas de desenvolvimento (CANCLINI, 1998). Os traços modernos da Catedral, por exemplo, carregam consigo um processo sociocultural fundado em concepções e ideias que remontam a práticas e devoções marcadas pela tradição católica, seja de cunho mais romanizado, como, também, de manifestações populares.

Institucionalmente, baseada nas Escrituras e na Tradição Apostólica⁵, a Igreja permanece na sua inalterável defesa dos dogmas. Porém, constantemente necessita lidar com as transformações sociais e com as inovações, próprias, da modernização da vida social. Por muito tempo a Igreja se opôs à modernidade. No Brasil, a abertura da hierarquia da Igreja para os valores modernos se

⁴Assim, “[...] todo objeto, ação ou ambiente cotidiano, quando observados do interior de outra redoma sensorial, serão sempre interpretados como um elemento sensorial extraordinário, que pode ser tratado como obra de arte, caso seja um objeto, ou como performance, no caso de uma atividade” (VEIGA, 2008, p. 95).

⁵Para quem quiser buscar os fundamentos desta defesa equivalente das Escrituras e da Tradição Apostólica, ver a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (PAULO VI, 1998).

implementou de forma lenta e diferenciada. Entre os fatores favoráveis para uma mudança de postura da Igreja brasileira, encontram-se o crescimento do protestantismo, do espiritismo e o declínio do monopólio religioso. Até a primeira metade do século XX, os momentos ensimesmados da Igreja pouco contribuíram para a sua expansão.

Por volta de 1945, o antimodernismo se tornara insustentável para uma instituição que tinha a pretensão de ser universal e que se preocupava especialmente em influenciar o Estado e as elites. Ao opor-se à secularização, a Igreja abandonava-se à sorte ao lado de grupos de importância decrescente (MAINWARING, 2004, p. 53).

Em 1955, a Igreja católica no Brasil contava com três facções principais: os tradicionalistas, que bloqueavam o diálogo com a modernidade combatendo a secularização; os modernizadores conservadores que permaneciam hierárquicos nas práticas eclesiais, porém, acreditavam na necessidade de uma abertura para a modernidade; por fim, os reformistas, que eram progressistas, no sentido que buscavam uma mudança social em si mesma⁶. Esta divisão expõe a heterogeneidade dos posicionamentos da hierarquia frente ao debate com a modernidade naquele momento, mas, não deve ser visto de forma estanque. Os processos históricos não podem ser simplificados, ou seja, estes são modelos explicativos que ajudam a entender as posições políticas dos Bispos em determinado período. No entanto, a hierarquia eclesiástica tem sua força consolidada em bases comuns, principalmente, na defesa da tradição católica apostólica romana.

É neste bojo que, em 1957, Dom Jaime recebeu a ordenação episcopal e foi nomeado Bispo de Maringá. Dentre suas principais iniciativas está a construção da nova Catedral. Não tardou para que o projeto de Dom Jaime chamasse a atenção dos cidadãos, pois, a futura Catedral seria um empreendimento moderno, uma grandeza estética, tornando-se, posteriormente, o décimo monumento mais alto do mundo.

Desde o início da obra, esteve embutida nesta iniciativa, ideais de progresso e de desenvolvimento. Bem no período da guerra fria, certo dia, Dom Jaime, usando do jornal, inspirou-se, para o modelo de sua Catedral, em um satélite russo “[...] na era dos sputiniks, uma catedral diferente de todas” (ROBLES, 2007, p. 161). Paradoxalmente, Dom Jaime, que sempre se associou ferrenhamente na campanha católica

contra o comunismo, inovou a sua construção, baseando-se nos avanços espaciais russo:

Era a época dos “satélites artificiais”, dos “SPUTINIKS”, e o projeto da Catedral de Maringá tornou-se um convite – em meio a tanto desenvolvimento material e riqueza da região – ao pensamento da eternidade, das coisas de Deus e da fugacidade daquilo que é terreno. “POUSTINIKKI” são aqueles que, numa heróica reclusão, se afastam do mundo para ficarem mais perto de Deus (COELHO, 2007b, p. 92).

Desta maneira, Dom Jaime apresentava seu projeto arquitetônico em moldes modernos, na imagem de um Bispo atento aos acontecimentos mundiais, como no caso da corrida espacial. Ao mesmo tempo, expunha os valores da fé católica, fundamentando-se na necessidade de que o homem não se afaste de Deus. Nesta defesa, seus discursos sobre a Catedral eram sempre calorosos, cheios de grandeza e de glória:

[...] a grande Catedral, mais que um enfeite para a cidade, projetada para a sua função formativa, social, educacional e religiosa. Alçada na sua majestade e grandeza arquitetônica, não só obra de arte, ela falará aos crentes e aos ateus, aos ricos e aos pobres, aos ignorantes e aos letrados; a todos de uma vida futura, de um Deus que julgará os nossos atos, aquele mesmo Deus que, no momento supremo de seu sacrifício dizia: “Pai, perdoai-lhes. Não sabem o que fazem” (COELHO, 1959a)⁷.

Num momento em que a Igreja estava se abrindo para os valores modernos, seletivamente, Dom Jaime encontrou, no projeto da Catedral, fatores aglutinadores das forças sociais da cidade. O Bispo chamava a atenção da sociedade para a Igreja e se eximia das críticas ao conservadorismo eclesial ao evidenciar no projeto da Catedral um Bispo atento com o ideal de uma cidade moderna. A grande visibilidade, alcançada pela majestade de sua obra, tratava-se de um caminho mais rápido e que não exigia mudanças internas dentro da instituição eclesial, no se fazer moderno. Poucos considerariam conservadora uma Igreja que em meados do século XX, numa cidade em autoconstrução, executasse um projeto tão arrojado como o da Catedral.

Exteriormente, a Catedral apresenta a modernidade, pois, toda a sua estrutura e estética em concreto e seus vitrais artísticos são inovadores, bem como a própria inspiração do Bispo, num satélite russo, carrega valores modernos. Além disso, seu padrão de construção se alia ao moderno

⁶Enquanto os modernizadores conservadores propunham a mudança social mais como um antídoto no combate ao comunismo, os progressistas de fato sentiam como uma necessidade proeminente as mudanças na relação Igreja e sociedade (MAINWARING, 2004).

⁷Nos casos de documentos, em que estejam ausentes citações de páginas, deve-se guiar apenas pela indicação das pastas em que foram arquivados na sede da Cúria Metropolitana de Maringá. Lamentavelmente, muitos documentos foram armazenados somente por meio de recortes, principalmente, no caso de arquivos de jornais.

planejamento urbano de Maringá. Neste sentido, sendo a Catedral o local representativo da Igreja católica, o encontro com a modernidade se dá por meio da constituição de processos híbridos. Há o encontro de interesses modernos com práticas de fé tradicionais. Desta forma, a Catedral reuniu em torno de si a colaboração de devotos católicos, o sentimento religioso da população e os interesses empresariais e políticos de Maringá.

Quando esteve em Roma, certa vez, admirando os belos templos do passado, Dom Jaime teve uma inspiração acerca da Catedral, ficando registrado no jornal da Diocese de Maringá: “Será o abraço do antigo com o moderno, mas que simboliza e retrata a mesma Fé, perene, imortal, nas coisas da eternidade” (COELHO, 1965). Este é o protótipo das formas de sociabilidade da Igreja católica com a cidade de Maringá. Para uma cidade que nasceu de uma prancheta, uma catedral que simbolize o que é permanente, mas, em concordância com os padrões do que se fabrica como cidade. Por fim, um Bispo visionário, que conserva a moral e os bons costumes, predestinado a compor o quadro do pioneirismo maringaense⁸.

A partir do final dos anos 1950, portanto, a Igreja católica intensificou ainda mais a sua aproximação com as lideranças locais. Tratava-se da união de um Bispo com empreendedores, diante dos ideais de modernidade, desenvolvimento e progresso. A construção da Catedral é o maior símbolo visível da simbiose do novo com o velho em Maringá. Ela expressa o cotidiano da vida social maringaense e exprime, nas bases socioculturais, a maneira de se fazer moderno⁹.

Neste processo, houve uma somatória de condutas morais e sociais de origem católica, que mantiveram a harmonia com os interesses da elite dominante na cidade. Focado na construção da Catedral, Dom Jaime levou a Igreja a contribuir diretamente com os ideais de planejamento urbano da cidade. Buscando preservar a sociabilidade católica como uma característica constitutiva do local (Maringá), ele participou do incessante jogo político existente, visando alcançar a estabilidade da Igreja local¹⁰.

⁸ Antes da chegada de Dom Jaime, a Igreja já possuía boas relações com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, uma vez que esta “[...] apoiou financeiramente, concedendo espaços, prestigiando iniciativas, pois reconhecia a Instituição como uma importante aliada na constituição de uma sociedade purificada, homogênea, moralizada, ordeira, pacífica e moderna” (PEREIRA, 2007, p. 25).

⁹ Este tipo de relação entre a Igreja, as elites e a população maringaense podem se associar à ideia de que: “Os impulsos secularizadores e renovadores da modernidade foram mais eficazes nos grupos “cultos”, mas certas elites preservam seu enraizamento nas tradições hispânico-católicas e, em zonas agrárias, também em tradições indígenas, como recursos para justificar privilégios da ordem antiga desafiados pela expansão da cultura massiva” (CANCLINI, 1998, p.74).

¹⁰ “Escrevendo para um jornal, ainda em 1958, Dom Jaime se refere a Maringá: “Hoje vivemos os seus dias de criança. Depois de nós virão os que lhe darão

O círculo social do Bispo: os parceiros da obra

A cidade de Maringá nasceu de um rigoroso planejamento urbano. As suas ruas, avenidas e praças, até mesmo o local de moradia das diversas parcelas da população, foram traçadas antecipadamente¹¹. A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná obteve sucesso em seu empreendimento.

Sabemos que muitos planos são idealizados e nem sempre postos em prática. Porém, conforme se pode perceber, não foi o que ocorreu com Maringá, pois esta empresa conseguiu orquestrar o desenvolvimento da cidade, tal qual concebido nos projetos. Foi capaz, desde sua fundação, de aliar agentes (os compradores “pioneiros” e o poder público) em torno dos mesmos princípios políticos e econômicos que eram, antes, os seus princípios (RODRIGUES, 2004, p. 51).

Diante deste planejamento técnico do urbano, só mesmo um aparato das forças sociais fortemente centrado na ideia de identidade local para falsear as possíveis instabilidades na luta política diária. O mito dos pioneiros¹², a ênfase na exuberância do verde e na produtividade da terra vermelha contribuiu na constituição de um forte sentimento de pertencimento. Estas palavras, acerca da cidade, dimensionam bem a constituição deste sentimento: “Cinquenta anos não lograram destruir nem o frescor da tua beleza nem o encanto da tua mocidade. No teu viço de senhora, manténs a formosura dos primeiros tempos” (ROBLES, 2007, p. 221).

Os empreendedores maringaenses souberam vender muito bem a imagem da cidade. Embora a especulação imobiliária seja algo bastante universal, ao enfatizar as diferenças em detrimento das semelhanças entre Maringá e outras cidades brasileiras, obteve-se muito sucesso com as estratégias de marketing. É aqui que se inclui a construção da Catedral, como uma aliada desta fictícia idealização do local singular.

Estendendo o olhar para o processo de construção da Catedral e fugindo do que Alain Bourdin concebe como a vulgata localista¹³, uma

brilho na vida adulta. Maturidade política. Personalidade indefectível. Comércio estabilizado. Fé inabalável. Lares cristãos. Vida social sem mistificações. Assistência eficiente ao irmão que sofre. Cidade, enfim, que realize as glórias do seu destino” (COELHO, 2007a, p. 20).

¹¹ Ebenezer Howard (1850-1928) é considerado o grande idealizador das cidades-jardins, espaços constituídos numa perspectiva comunitária e com autogoverno. Howard “[...] estava muito menos interessado em formas físicas do que em processos sociais” (HALL, 1988, p. 109). Em geral, muitas cidades, como é o caso de Maringá, priorizaram, essencialmente, o aspecto físico do urbano na forma mais plena dos interesses imobiliários.

¹² O mito dos pioneiros parte da ideia de que homens de coragem e determinação desbravaram esta região, algo que muitas vezes serve para justificar as desigualdades econômicas e sociais entre os moradores do local. Pior ainda, parte do princípio de que antes destes senhores não havia povoamento na região. Segundo Tomazi, o pioneiro trata-se de personagem fantasmagoricamente idealizado (TOMAZI, 1999).

¹³ A vulgata localista é resultado da carência de um exame dos pressupostos que passam a serem reconhecidos como naturais na dimensão do local. Ideias como

maneira de substancializar a questão local, podemos chegar aos arranjos políticos constituídos em torno da Catedral. O local se faz a partir da ação permanente de seus agentes, neste sentido, uma construção social. O local é, também, instável e universal, daí a necessidade de reconhecê-lo como:

[...] um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas. Essa forma é caracterizada pela ação privilegiada com um lugar, que varia em sua intensidade e em seu conteúdo. A questão se desloca então da definição substancial do local à articulação dos diferentes lugares de integração, à sua importância, à riqueza de seu conteúdo [...] (BOURDIN, 2001, p. 56).

Na construção da Catedral, há um movimento das forças locais sob a liderança de Dom Jaime. Logo após a sua posse, com todas as pompas de direito, Dom Jaime já atraía as atenções locais para si. Uma parcela da sociedade maringaense passou a integrar as posturas políticas e religiosas do Bispo em seu cotidiano. Sem muitas dificuldades, Dom Jaime estabeleceu uma rede de arranjos políticos, dando legitimidade ao seu projeto: a nova catedral.

Estabelecendo contatos com autoridades políticas e empresariais, Dom Jaime angariou apoio financeiro e moral para a construção da Catedral. As leis municipais 72/57 e 73/57, por exemplo, autorizavam o Poder Executivo maringaense a contribuir com as obras da Catedral. Estas leis saíam de vigor em 1961, mas, já era o início de uma profícua relação entre o Bispo e os poderes públicos. Em março de 1958, em carta direcionada ao Prefeito de Maringá, Américo Dias Ferraz, Dom Jaime tomou a liberdade de pedir as pedras necessárias para os alicerces da futura Catedral. Para reforçar a importância deste gesto, assim argumentou:

Creia Exmo. Sr. Prefeito, que este pedido se fundamenta no alto espírito compreensivo de V. Excelência na gestão da coisa pública, bem como na afirmação de que a futura Catedral de Maringá será algo que muito honrará o Município na gestão empreendedora de V. Excelência (COELHO, 1958, p. 1).

O argumento de Dom Jaime em favor do pedido, associa-se à boa gestão da coisa pública, estabelecendo uma simetria entre a catedral e os prédios públicos e associando a obra da Catedral à gestão empreendedora do Prefeito. Em outra situação, o Bispo fez o empréstimo de um britador pertencente ao Estado do Paraná e ao receber a solicitação para que o devolvesse, fica evidente o seu tráfico de influências junto ao Governador.

Responde ao Engenheiro- chefe do 7º Distrito do Departamento de Estradas de Rodagem: “[...] comunico que tenho licença verbal do Exmo. Sr. Governador do Estado, Ten. Cel. Ney Braga, para continuar usando o referido britador” (COELHO, 1961, p. 1).

A presença de políticos em torno das obras da Catedral foi constante. De acordo com o demonstrativo das obras da Catedral, de 1957 a maio de 1964, o governo do Estado contribuiu com CR\$ 22.660,00 e a Prefeitura Municipal por meio da Lei 73/57, extinta em 1961, ajudou com o valor de CR\$ 4.000,00 (DEMONSTRATIVO..., 1971). Além disso, depois de ocupar o cargo de Presidente na primeira comissão administradora da obra (1958-1964), Dom Jaime assumiu o posto de Presidente de honra. Sendo assim, foram empossados dois Prefeitos, respectivamente, como Presidentes da comissão para as obras da Catedral: Luiz Moreira de Carvalho (1966-1969) e Adriano Valente (1969-1971). Somavam-se a estes, outros políticos locais e membros da alta sociedade.

A ideia sempre foi a de envolver políticos, bancos e empresários. Em anotações nos arquivos da Cúria Metropolitana, encontramos menções relacionadas a instituições como: Bradesco, Ginko, Brasul, Mercapaulo, Comercial, Bancial, Bamerindus, Benka, Walmap, Orbe, Sulbanco, Tazan, Bancosales, que foram indicadas como possíveis contribuintes na construção. Associações e organizações, também, foram assediadas para contribuir, tais como o Lions Clube, o Rotary Clube, a ACIM, os sindicatos e as colônias (japonesa, portuguesa, italiana, espanhola etc) (COMISSÃO..., 1966). Além disso, aconteciam as quermesses, campanhas do café¹⁴, rifas e promoções diversas, cujas rendas eram revertidas para as obras da Catedral. A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná não só apoiou financeiramente a obra, como também indicou o Arquiteto José Augusto Bellucci¹⁵ para a sua condução, por intermédio de seu Diretor, Hermann Moraes de Barros.

Em 1972, Maringá celebrou o seu jubileu de prata e a diocese os seus 15 anos de fundação. Na ocasião, o Bispo, numa grande sacada política, criou as condições necessárias para encerrar toda a estrutura de concreto da Catedral. Lançou um desafio à comissão de obras: bem no aniversário da cidade, colocar a cruz na torre da Catedral e inaugurá-la em consonância com as comemorações

a de pertença a um grupo, o interacionismo, o naturalismo geográfico e as alusões a uma história como herança que se traz do passado podem desembocar nesta vulgata (BOURDIN, 2001).

¹⁴Numa região fortemente agrícola, a ajuda também vinha em produtos da terra. O Bispo, inclusive, chegou a prometer cinco anos sem geadas na região, desde que houvesse o empenho de todos na construção da Catedral (PEREIRA, 2007).

¹⁵Durante toda a construção da Catedral, a troca de cartas entre o arquiteto José Augusto Bellucci e Dom Jaime foram constantes.

do jubileu de Maringá (COELHO, 1971). A ideia entusiasmou as lideranças políticas e empresariais, que se empenharam para que a obra fosse concluída a tempo. A imprensa, em geral, destacou o intento do Bispo, como neste caso:

O bispo diocesano Dom Jaime Luiz Coelho nomeou e outorgou poderes para uma comissão de pessoas influentes da cidade, que funcionará como uma espécie de conselho deliberativo, e dirige na retaguarda, todos os trabalhos da construção. Esta comissão é formada por Joaquim Romero Fontes, Enio Pepino, Joaquim Moleirinho, Francisco Ribeiro, Moacir Bulhões da Fonseca, Jitsui Fujiwara, Jaime Cambauva e José Cassiano Gomes dos Reis, e reúne-se quinzenalmente para tomar as posições e decidir as metas a serem seguidas (CATEDRAL..., 1971).

Naquela época, já estava mais do que consagradas, em duplo sentido, as dimensões que a construção da Catedral havia tomado na cidade. Dom Jaime chegou a solicitar insistentemente ao Ministro das Comunicações, a emissão de um selo comemorativo da Catedral para as comemorações do jubileu em 1972. Para isto, envolveu diversas autoridades, encaminhando as cartas em apoio de personalidades políticas como o Governador do Paraná, Haroldo Leon Peres, do Prefeito de Maringá, Adriano Valente e do Presidente da Câmara, Paulo Vieira de Camargo. Porém, naquele ano, toda a programação filatélica foi direcionada ao sesquicentenário da Independência e o Bispo não viu esse pedido ser atendido.

Percebe-se, assim, como a construção da Catedral associou-se com a fabricação de uma identidade local para Maringá e corroborou na publicização de lideranças políticas e empresariais da cidade. No jornal, de propriedade da Diocese, acrescentava-se, em uma de suas matérias, o empenho dos empresários Joaquim Fontes e Enio Pepino: “[...] eles deixam seus afazeres particulares, colocam os negócios de suas empresas em segundo plano [...] para terem como recompensa o andamento das obras” (CATEDRAL..., 1972). O uso político da Catedral tornou-se recorrente. Um bom exemplo, neste sentido, pode ser encontrado em manchetes de jornais, tal como, nesta manchete: “João Paulino: “Túlio é tão nosso como a torre da Catedral”” (JOÃO PAULINO..., 1978), em que o Prefeito João Paulino faz alusão a Túlio Vargas, candidato ao senado por esta ocasião. Também, nota-se este uso nas manifestações relacionadas à inauguração da nova praça da Catedral:

[...] o Arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho usou da palavra para agradecer o trabalho do ex-Prefeito João Paulino e do atual, Sincler Sambatti, bem como do

Presidente da Câmara Municipal, vereador Maurílio Correia Pinho, “homens que realmente trabalham por Maringá” (COM A PARTICIPAÇÃO..., 1982).

Houve uma reciprocidade entre os interesses da Igreja e das lideranças políticas e empresariais de Maringá, tornando-se Dom Jaime um excelente mediador entre as elites e as massas. Soube Dom Jaime, representar os interesses da instituição, zelando pela imagem pública da Igreja, como destacado líder religioso, sem o desabono das grandes massas e com o apoio das elites. Assim, enquanto o povo via em Dom Jaime um religioso, as elites apostavam na sua força política e em sua capacidade de mobilização popular. A Catedral é símbolo de determinada forma de ação em que os agentes, reforçando laços de integração, constituem o local e criam seus arranjos políticos. Foi assim que Dom Jaime conquistou legitimidade diante da maioria.

Com as bênçãos de Deus e a performance de um Bispo: a Catedral

No cotidiano da vida em sociedade nos acostumamos com uma série de práticas e hábitos que são assimilados ao conjunto de nossas sensações e que podemos denominar de redoma sensorial ordinária (VEIGA, 2008). Estas sensações cotidianas nos apresentam modos de ser de uma sociedade. Se atualmente o maringaense incorporou na sua imagem de cidade, a permanente presença da Catedral, haja vista, a série de cartões postais e a utilização desta imagem pelo comércio, turismo e órgãos institucionais, certamente, é porque esta se tornou parte da sua vida social. A monumental Catedral tornou-se parte da cidade, assim como suas largas avenidas e as ruas arborizadas. Porém, este acontecimento não é fruto do acaso, houve uma performance que possibilitou esta conquista simbólica.

Durante a construção da Catedral, não só suas paredes eram levantadas, mas também, o seu significado. Neste sentido, destaca-se a ação de Dom Jaime e de seus parceiros ao proporcionarem aos espectadores da obra a experimentação de uma redoma sensorial extraordinária. Isto se deu, por uma série de concatenações entre os encaminhamentos da obra e as cerimônias, discursos e propagações acerca deste feito. Entendendo-se que “[...] qualquer elemento sensorial, ou qualquer atividade é potencialmente performática, ou seja, potencialmente extraordinária” (VEIGA, 2008, p. 86). Notamos, neste sentido, que para além das paredes, construía-se, também, um bispado, a futura

arquidiocese e um lugar para a Catedral na paisagem urbana de Maringá¹⁶.

Com a elevação da Diocese à arquidiocese e do Bispo ao Arcebispado, há o encerramento de um ciclo de construção simbólica da catedral, que não necessariamente deixaria de constituir, futuramente, novas dimensões. Este ciclo teve início com a chegada de Dom Jaime, em 1957, e culminou com a instalação canônica da arquidiocese no dia 20 de janeiro de 1980. Há entre o início da construção da Catedral e o seu fim uma passagem dos aspectos extraordinários deste ciclo para a redoma sensorial ordinária dos maringaenses. Aqui, considera-se que houve um processo de assimilação, por parte da população, dos novos elementos sociais provenientes das etapas de construção da obra, reforçando a simbologia da catedral no que se refere à presença da Igreja católica na vida da cidade.

É neste sentido, que a *performance* do Bispo, durante as obras da catedral, por meio de eventos e rituais, foi fundamental. Na exclusividade de suas ações, Dom Jaime conseguiu arquitetar o andamento das obras com celebrações e ritos católicos, contando com a presença de autoridades religiosas e políticas e com a participação do povo. Desta maneira, impregnava por meio de uma redoma sensorial extraordinária o que, posteriormente, tornaria parte da redoma sensorial ordinária maringaense¹⁷. Estando numa posição privilegiada, Dom Jaime desenvolvia seu trabalho entre o discurso teológico e a ação política. Representava o papel de servo de Cristo e ao mesmo tempo reinava como príncipe da Igreja¹⁸. Sua posição era liminar na medida em que sua atuação se dava entre o sagrado e profano, o pobre e o rico, o religioso e o político. É assim que conseguiu levar ao fim sua obra.

Tudo começou com o lançamento da pedra fundamental. Estando pronto o projeto da Catedral, o Bispo marcou para o dia 15 de agosto de 1958, festa da Assunção de Nossa Senhora e dia da padroeira da cidade, o momento em que seria apresentada, direto das escavações do Vaticano, a pedra fundamental da catedral:

[...] dom Jaime contou-nos a origem das duas pedras fundamentais: as duas pedras fundamentais foram bentas por s.s. o Papa Pio XII, gloriosamente reinante. Trata-se de dois pequenos blocos de mármore tirados das escavações da Basílica de São Pedro no Vaticano, estando as mesmas a caminho do Brasil (DAS ESCAVAÇÕES..., 1958).

Uma das pedras foi destinada à fundação do seminário, lançada na mesma cerimônia. O evento contou com a presença de outros Bispos e autoridades, algo que se tornou praxe nas grandes celebrações promovidas pelo líder da então Diocese de Maringá. Este foi um dos grandes eventos que integraram uma cosmologia¹⁹ em que Dom Jaime solenizando os rituais católicos, redimensionava e expandia o valor dos acontecimentos. As duas pedras, vindas diretamente da Basílica de São Pedro em Roma, despertavam as atenções em torno da construção da nova Catedral e a ligavam no plano simbólico, diretamente com Roma. As bênçãos dadas pelo Papa, sucessor de Pedro, ampliavam e santificavam poderes do Bispo local e reforçavam o valor da Catedral.

Dom Jaime sempre conciliou muito bem a sua ação religiosa com a política. O seu lema episcopal *In Omnibus Christus* (Cristo seja tudo em todos) lhe inspirou uma forte militância em favor da instituição eclesial, de maneira tal que, olhando para a Catedral, podemos vislumbrar um sinal material da sua força religiosa e política. O Bispo distribuía as bênçãos de Deus para a cidade mediante a disseminação de valores religiosos.

Em 1963, abençoou a pedreira que forneceria material para a construção da catedral. No jornal, de propriedade da Diocese, vemos ressaltado que, sendo a pedreira “[...] propriedade do Dr. José Cunha foi como predestinada a servir a Igreja [...]” (SOLENEMENTE..., 1963). Seu senso prático também se unia com a sua visão teológica do mundo. Sendo questionado muitas vezes sobre quando terminariam as obras da Catedral, respondeu ao jornal, com duas perguntas: “[...] quando querará você que ela esteja terminada? Com quanto já cooperou para a Casa da Mãe de Deus?” (COELHO, 1964).

O Bispo era a maior autoridade religiosa da região de Maringá, dono de boa retórica e uma personalidade bastante persuasiva. Procurou sempre se sobressair, diante das divergências de opiniões, para emitir a palavra final. Ainda em 1959, foi surpreendido por uma carta aberta, de autoria de

¹⁶Neste sentido, o extraordinário está presente no corriqueiro. O que faz a construção de um templo se tornar uma ação extraordinária? A resposta pode vir do entendimento de que: “Rituais e ‘performances’ privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança, veem a linguagem em ação, a sociedade em ato e prometem alcançar cosmovisões [...]” (PEIRANO, 2006, p. 7).

¹⁷A posição exclusiva de Dom Jaime, como líder religioso, nos remete à liminaridade de seu episcopado. Ao dirigir os ritos católicos numa posição ambígua e indeterminada mesclando o sagrado e o profano, o Bispo nos remete aos cargos fixos das sociedades tribais em que “... toda posição social tem algumas características sagradas. Porém, este componente ‘sagrado’ é adquirido pelos beneficiários das posições durante ‘os ritos de passagem’, graças aos quais mudam de posição” (TURNER, 1974, p. 119). Nas cerimônias, Dom Jaime exercia o papel religioso e político, em nome de Deus e dos homens. De homem comum a servo de Cristo. Sendo servo de Cristo, não mais um homem comum.

¹⁸Foi assim que muitos o aguardavam quando da sua posse na Diocese de Maringá em 1957 (PEREIRA, 2007).

¹⁹Os rituais católicos, liderados por Dom Jaime durante a construção da Catedral, estão inseridos em uma cosmologia: “[...] partilham alguns traços formais e padronizados, mas estes são variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares” (PEIRANO, 2000a, p. 11).

Luís Carlos Borba, colunista de “O Jornal de Maringá”. A carta era uma reação contra o Bispo que, não se agradando com o conteúdo de uma das crônicas de Borba, havia pedido esclarecimentos da direção do jornal em relação ao material publicado. Borba aproveitou-se do ensejo para declarar: “Sou contra a construção da Catedral bem como de Brasília, por achá-las inoportunas, inadequadas e extemporâneas [...]” Seguindo a linha de raciocínio, lamenta o fato de ver o seu direito de escrever para o jornal cassado, pois: “Se discordar dos erros dos homens, que são humanos, imperfeitos (ninguém é perfeito) e que nada tem de divinos e imortais, é pago com esse preço, eu nada mais devo à sociedade” (BORBA, 1959).

A resposta de Dom Jaime não tardou. Usando uma linguagem branda, destacou a iniciativa e a boa vontade da parte dos que colaboravam com a construção da Catedral, atitude voluntária de seus *queridos diocesanos*. A Catedral era fruto da vontade coletiva. Aproveitando a ocasião, respondeu aos questionamentos acerca da lei municipal que autorizava a doação de dinheiro para a construção da catedral: “[...] partiu de um projeto espontâneo de quem se sentia representante dos anseios do povo católico maringaense” (COELHO, 1959b).

Contudo, averiguando a construção da Catedral, notamos que poucas coisas podem ser consideradas espontâneas. Os eventos, datas e os rituais solenes foram costurados por estratégias de ação bem planejadas. A coincidência do término da estrutura de concreto da Catedral com o jubileu de prata da cidade, em 1972, é um bom exemplo disto. Aliás, a missa solene, celebrada no dia 10 de maio daquele ano, aniversário da cidade, foi presidida por Dom Eugênio de Araújo Sales, autoridade expressiva no círculo hierárquico católico. A sociedade maringaense mais uma vez voltou suas atenções para a Catedral. Assim, a Igreja unia diante do seu altar: o povo, as autoridades políticas, os empresários e religiosos.

O coroamento final desta grande obra, num evento que transita do material ao simbólico, deu-se no dia 20 de janeiro de 1980. Com a presença do Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, o ritual de instalação canônica da Arquidiocese de Maringá aconteceu nas dependências da Catedral. Estavam presentes cerca de 8 mil pessoas à cerimônia. Ali, pôde-se acompanhar a criação da Arquidiocese e a elevação de Dom Jaime a Arcebispo.

A programação do cerimonial de instalação canônica da Arquidiocese contou com o apoio da prefeitura de Maringá. Dentre as autoridades

presentes, destacam-se a presença do Prefeito João Paulino e do Governador do Paraná, Ney Braga, amigo de longa data do Arcebispo Dom Jaime. Após as solenidades, a prefeitura ofereceu um almoço no Country Club destinado às autoridades e religiosos. Durante o discurso do Prefeito João Paulino, destacava-se:

[...] projeção de slides, mostrando lances de grande impacto visual, como a foto de D. Jaime, assim que chegou à Maringá, nossa Catedral, no início da construção; a Basílica de São Pedro em Roma e lances especiais da Cidade Canção (INSTALADA..., 1980).

Era um ciclo em torno da Catedral que se completava. O Bispo que em 1957 propagava a construção de uma majestosa catedral, podia agora sentar-se na sua cátedra. Para completar as honrarias, a pedido de Dom Jaime, a Catedral recebeu do Papa João Paulo II o título de Basílica Menor, decretado no dia 22 de janeiro de 1982²⁰.

Estava postulado, no projeto urbanístico da cidade de Maringá, a Catedral do Bispo em favor da eternidade. O povo que durante as duas décadas assistiu maravilhado a imponente construção, as belas cerimônias, a presença hierárquica da Igreja, dos políticos e dos empresários, continuou a trabalhar e a viver seu cotidiano. Porém, quando passam pelo centro da cidade, reverenciam aquele monumento em que se acentua o poder religioso. Foi por intermédio da política de um Bispo que muitos julgaram terem recebido as bênçãos de Deus²¹. Para uma cidade que tanto propaga seus qualificativos, nada melhor do que o resultado da *performance* do Bispo: a catedral como símbolo da fé e do progresso de uma cidade, mesmo que nem tudo seja como aparenta ser, como é da natureza da política e da religião. Por meio dos aspectos extraordinários, desta construção, assentou-se na redoma sensorial ordinária da população um lugar comum para o simbolismo de sua catedral²².

Conclusão

Procuramos demonstrar, ao longo deste texto, como o processo de construção da Catedral de Maringá vinculou-se com as formas sociais da

²⁰ “[...] a Catedral – Basílica de Maringá torna-se oficialmente um Santuário: centro de orações e de peregrinações, um convite à prece e ao pensamento da eternidade” (NOSSA..., 1982).

²¹ Eis a voz de um padre: “Plantada na extensa planície que alarga o horizonte a perder de vista, a cidade emerge do verde dos campos agricultados à sua volta, em meio a casas, prédios e farta arborização. Mas no belo conjunto de edificações erguidas por mão humana mais que tudo atrai o arrojo de um templo que se projeta em direção do céu” (ROBLES, 2007, p. 161).

²² E como seria a vida do maringaense sem a Catedral? Onde muitos iriam tirar as fotos de casamento? Como ficariam aqueles que se contentam em passar as tardes de domingo na sua praça? Como seriam os cartões postais da cidade? São pequenas questões que demonstram o quanto este monumento faz parte da vida do maringaense.

coletividade a partir da intrínseca relação estabelecida entre as três facetas relacionadas à sua construção: a evidência de um projeto que mescla prática religiosa com valores modernos; os arranjos políticos a partir desta mistura, que cooperaram com a construção do localismo; a efetivação simbólica da Catedral, como expressão do poder da Igreja católica. Daí, sua posição de destaque na constituição da imagem da cidade e do imaginário a ela relacionado.

A construção da Catedral pode ser vista como parte integrante da própria construção material, social e simbólica da cidade de Maringá. O projeto insere-se na dinâmica do planejamento urbano da cidade, aliando os costumes e a moral católica aos interesses locais. Do resultado final, beneficiam-se a Igreja, os políticos e os empresários. E no geral, fortalece-se a autoimagem da cidade como uma bela Maringá.

O processo de construção da Catedral acaba por evidenciar uma amplitude que ultrapassa seu simples cenário postal. Ela é a expressão do poder religioso que permanece e se conserva. Isto em nada contradiz os interesses localistas, que anseiam pelo marketing do local: primordial para a atração de recursos e prestígio social. Por fim, está cravado nas suas estruturas, o desempenho de um Bispo que fez do processo de construção material, a elaboração simbólica de sua instituição e de seu poder episcopal.

Referências

- BORBA, L. C. O enterro da verdade. **A Tribuna de Maringá**, Maringá, 13 set. 1959. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CATEDRAL fica pronta até o fim do ano que vem. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 ago. 1971. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B34).
- CATEDRAL: Agora a segunda etapa. **Folha Norte do Paraná**, Maringá, 6 ago. 1972. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B34).
- COELHO, J. L. **Carta ao Sr. Américo Dias Ferraz (Prefeito de Maringá)**. Maringá, 1958. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- COELHO, J. L. Por um mundo melhor: balancete da quermesse. **O Jornal de Maringá**, Maringá, 8 jul. 1959a. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- COELHO, J. L. **O Jornal de Maringá**, Maringá, 16 set. 1959b. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- COELHO, J. L. **Carta ao Exmo. Senhor Eng. Chefe do 7º Distrito – DER**. Maringá, 1961. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- COELHO, J. L. A Catedral de Maringá. **Folha Norte do Paraná**, Maringá, 5 set. 1964. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- COELHO, J. L. **Folha Norte do Paraná**, Maringá, 15 ago. 1965. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B33).
- COELHO, J. L. **Carta ao Exmo. Senhor Diretor do DSP da ETC – Brigadeiro José Carlos Teixeira da Rocha – RJ**. Maringá, 1971. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B34).
- COELHO, J. L. Abençoamos Maringá! In: UBINGE, G.; SANTOS, M. R. A. (Ed.). **Queridos diocesanos**: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho. Maringá: Clichetec, 2007a. p. 19-20.
- COELHO, J. L. Dedicção da Catedral. In: UBINGE, G.; SANTOS, M. R. A. (Ed.). **Queridos diocesanos**: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho. Maringá: Clichetec, 2007b. p. 92-94.
- COM A PARTICIPAÇÃO do povo. Inaugurada a nova praça da Catedral. **O Jornal de Maringá**, Maringá, 9 nov. 1982. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B35).
- COMISSÃO Pró-Construção da Catedral. **Construção da Catedral**. Maringá, 1966. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B33).
- DAS ESCAVAÇÕES do Vaticano para a Catedral de Maringá. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 jun. 1958. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B32).
- DEMONSTRATIVO das obras da Catedral. Maringá 1971. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B34).
- DOMINGUES, J. M. Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo. **Revista Tempo Social**, v. 10, n. 2, p. 209-234, 1998.
- HALL, P. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- INSTALADA Arquidiocese de Maringá. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 22 jan. 1980.
- JOÃO PAULINO: Túlio é tão nosso como a torre da Catedral. **O Diário do Norte do Paraná**, Maringá, 27 out. 1978. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B35).
- MAINWARING, S. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- NOSSA Catedral Basílica. **A Catedral**, n. 35 – abril/1982. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B35).
- PAULO VI, Papa. Constituição dogmática Dei Verbum: sobre a revelação divina. In: Concílio Vaticano. **Vaticano II**: mensagens, discurso e documentos. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 345-358.
- PEIRANO, M. **A análise antropológica de rituais**. Brasília: UnB, 2000a. (Série Antropologia, 270).
- PEIRANO, M. **Análises de rituais**. Brasília: UnB, 2000b. (Série Antropologia, n. 283).
- PEIRANO, M. **Temas ou teorias?** Brasília: UnB, 2006. (Série Antropologia, n. 398).
- PEREIRA, M. M. **A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)**. 2007. 95f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.
- ROBLES, O. **A Igreja que brotou da mata**. Maringá: Dental Press, 2007.
- RODRIGUES, A. L. **A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de**

Maringá. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOLENEMENTE abençoada a “Pedreira Catedral”. **Folha Norte do Paraná**, Maringá, ago. 1963. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Maringá, B33).

TOMAZI, N. D. Construções e silêncios sobre a (re) ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: Eduem, 1999. p. 51-85.

TURNER, V. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEIGA, G. **Ritual, risco e arte circense**. Brasília: UnB, 2008.

Received on December 29, 2009.

Accepted on April 14, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.